



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

OZIEL HERBERT DE ARAÚJO PEREIRA

**O SERTÃO PUNK EM MANDACARU VERMELHO: (RE)IMAGINANDO UM
NORDESTE ATRAVÉS DA FICÇÃO CIENTÍFICA**

FORTALEZA

2024

OZIEL HERBERT DE ARAÚJO PEREIRA

O SERTÃO PUNK EM MANDACARU VERMELHO: (RE)IMAGINANDO UM
NORDESTE ATRAVÉS DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Cinema e Audiovisual do Instituto de
Cultura e Arte, da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial à obtenção do
grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Prof. Ms. Yuri Firmeza.

FORTALEZA

2024

OZIEL HERBERT DE ARAÚJO PEREIRA

**O SERTÃO PUNK EM MANDACARU VERMELHO: (RE)IMAGINANDO UM
NORDESTE
ATRAVÉS DA FICÇÃO CIENTÍFICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Cinema e Audiovisual do Instituto de
Cultura e Arte, da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial à obtenção do
grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Aprovada em 18/09/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Yuri Firmeza (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Me. Isadora Ravena Teixeira da Silva

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dr. Marcelo Dídimio Souza Vieira

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À minha mãe, por mostrar que os livros são apaixonantes.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Samila Araújo, e ao meu pai, Obadias Gomes, pela paciência.

À Samira, minha irmã, pelas duas décadas de risada e correria.

Aos membros da VrumVrum Produções, por acreditar nos sonhos mais malucos.

À Samantha Capdeville, por dizer *vai, você consegue* pra um estudante do 1º semestre.

A Yuri Firmeza, pela orientação tranquila e afiada.

À Isadora Ravena e Marcelo Dídimo, membros da banca, por se debruçarem sobre um projeto tão mirabolante com carinho e dedicação.

A todos os professores e professoras do curso de Cinema e Audiovisual que contribuíram, direta ou indiretamente, para a minha formação.

“Se a vida é amiga da arte, é possível com a arte inventarmos outros Nordeste, que signifique a supressão das clausuras desta grande prisão que são as fronteiras.” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 352.)

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Mandacaru Vermelho: (Re)imaginando um Nordeste através da Ficção Científica* investiga as possibilidades de integração entre o gênero da ficção científica e as paisagens culturais do Nordeste. O estudo tem como objetivo principal analisar como elementos da ficção científica podem ser utilizados para refletir as realidades sociais, políticas e ambientais da região, proporcionando uma releitura do gênero. A metodologia abrange uma revisão bibliográfica das principais obras de ficção científica e horror, assim como uma análise crítica de filmes e livros que situam essas narrativas no contexto Nordestino. Os resultados revelam que, embora o Nordeste ofereça um cenário promissor para a adaptação dessas narrativas, a complexidade de integrar elementos de ficção científica com as realidades locais apresenta desafios quanto à exequibilidade das obras. Conclui-se que *Mandacaru Vermelho: (Re)imaginando um Nordeste através da Ficção Científica* traz contribuições importantes, mas também expõe as limitações e dificuldades inerentes à tentativa de adaptar a ficção científica em uma obra economicamente viável, exigindo abordagens mais refinadas e contextualizadas para a escrita de filmes possíveis.

Palavras-chave: ficção científica; horror; sertãopunk; cinema; nordeste.

ABSTRACT

The Undergraduate Thesis titled *Mandacaru Vermelho: (Re)imagining a Northeast through Science Fiction* investigates the possibilities of integrating the science fiction genre with the cultural landscapes of the Northeast. The main objective of the study is to analyze how elements of science fiction can be utilized to reflect the social, political, and environmental realities of the region, providing a reinterpretation of the genre. The methodology includes a bibliographic review of major works in science fiction and horror, as well as a critical analysis of films and books that situate these narratives within the Northeastern context. The results reveal that, while the Northeast offers a promising setting for the adaptation of these narratives, the complexity of integrating science fiction elements with local realities presents challenges in terms of the feasibility of the works. It is concluded that *Mandacaru Vermelho: (Re)imagining a Northeast through Science Fiction* brings significant contributions but also highlights the inherent limitations and difficulties in attempting to adapt science fiction into an economically viable work, requiring more refined and contextualized approaches for the writing of feasible films.

Keywords: science fiction; horror; sertãoopunk; cinema; Northeast.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Colagem Digital: O Cyberagreste de Vitor Wiedergrün.	12
Figura 2 - Colagem Digital: Comentários Públicos no Facebook de Vitor Wiedergrün.	13
Figura 3 - Série Sertãopunk, de Mariana Teixeira I.	16
Figura 4 - Série Sertãopunk, de Mariana Teixeira II.	16
Figura 5 - Print de Tela da Obra Existo Amanhã, de Isadora Ravena.	19
Figura 6 - Colagem Digital Revista Afrofuturista Volume 11.	24
Figura 7 - Print de Tela, Reunião de Roteiro.	25
Figura 8 - Diário Fotográfico Quixadá 1.	27
Figura 9 - Diário Fotográfico Quixadá 2.	27
Figura 10 - Diário Fotográfico Quixadá 3.	28
Figura 11 - Diário Fotográfico Quixadá 4.	28
Figura 12 - Diário Fotográfico Quixeramobim 1.	29
Figura 13 - Diário Fotográfico Quixeramobim 2.	30
Figura 14 - Diário Fotográfico Quixeramobim 3.	31
Figura 15 - Diário Fotográfico Quixeramobim 4.	31
Figura 16 - Diário Fotográfico Quixeramobim 5.	32
Figura 17 - Diário Fotográfico Quixeramobim 6.	33
Figura 18 - Diário Fotográfico Quixeramobim 7.	33
Figura 19 - Print de Tela, O Conto da Princesa Kaguya.	36
Figura 20 - Print de Tela, PomPoko - A Grande Batalha dos Guaxinins.	36
Figura 21 - Print de Tela, O Conto da Princesa Kaguya.	37
Figura 22 - Concept Art Mandacaru Vermelho 1.	39
Figura 23 - Concept Art Mandacaru Vermelho 2.	39
Figura 24 - Concept Art Mandacaru Vermelho 3.	40
Figura 25 - Concept Art Mandacaru Vermelho 4.	41

SUMÁRIO

1 UMA CRIANÇA APAIXONADA POR NAVES ESPACIAIS	10
2 SERTÃO PUNK: ORIGEM E REVOLTA	12
3 POR QUE ESCREVER FICÇÃO CIENTÍFICA NORDESTINA?	18
4 A TRAJETÓRIA DE MANDACARU VERMELHO	22
5 UM NORDESTE CHEIO DE VIDA, TECNOLOGIA E PERIGOS	35
6 CONCLUSÃO	42
7 REFERÊNCIAS	43

1. UMA CRIANÇA APAIXONADA POR NAVES ESPACIAIS

Há um certo sentimento de inadequação que me acompanha desde a infância como uma pessoa aficionada por ficção científica. Sentimento que só fui entender perfeitamente ao me encontrar com Ytasha L. Womack, nas páginas do maravilhoso *Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture*, de 2013.

A autora nos conta que, numa noite de Halloween, a pequena Ytasha se veste de Princesa Leia, da franquia Star Wars, e sai para pedir doces com seus amigos e colegas. Ela era uma criança apaixonada pela personagem. Uma princesa, sim, mas não daquelas que espera o príncipe sentada ou dormindo. Uma princesa com a cabeça e as vísceras afiadas. Preparada para resolver um enigma ou disparar uma pistola de raios laser. Ytasha saiu de casa naquela noite na expectativa de se tornar, por alguns mágicos momentos, na sua personagem favorita, de seu filme favorito. Porém, o que ela enfrentou foi uma noite em que, de porta em porta, adultos lhe apontavam que ela não poderia ser a Princesa Leia. Motivo? Sua pele era marrom, enquanto a da Princesa Léia era branca.

Eu assisti Star Wars pela primeira vez em uma maratona na TV aberta, Rede Bandeirantes, se não me engano. Lembro bem do encanto, do estado de graça que a criança Oziel alcançou ao vislumbrar as areias do deserto de Tatooine, seus Sois Gêmeos, as batalhas espaciais entre Tie-Fighters e X-Wings, os sabres de luz e os mistérios dos Cavaleiros da Ordem Jedi. Star Wars era apenas o começo de uma longa paixão pela ficção científica. Depois, veio *O Guia do Mochileiro das Galáxias*; *Doctor Who*; *Star Trek*; *2001: Uma Odisseia no Espaço*; *O Exterminador do Futuro*; *Alien: O Oitavo Passageiro*. Cresci com histórias sobre viagem no tempo, futuros alternativos e alienígenas. Mesmo perseguido por aquela inadequação, a sensação de que eu não deveria estar ali, continuei amando e consumindo histórias do gênero.

Quando li a história de Ytasha pela primeira vez, nos encontramos através de um desconforto em comum. A criança afro-americana e a criança nordestina se veem espalhadas ao perceber que, nas histórias que tanto amavam, seus corpos, suas ancestralidades e suas vivências não estavam adequadamente representadas. Tal percepção poderia ter interrompido a paixão de Womack (ou a minha) pela ficção científica, mas, felizmente, apenas aguçou seu olhar para algumas questões fundamentais que ela tentaria responder em anos posteriores através de seus trabalhos de pesquisa: onde estão as pessoas negras e de outros grupos minoritários na nossas projeções de futuro? Como é possível que Space Operas como Star Wars, repletas de corpos alienígenas, tenham uma presença tão tímida de seres humanos não-brancos?

Mandacaru Vermelho: uma Odisseia Sertãopunk já foi muitas coisas. Um roteiro de curta-metragem inspirado numa música do Belchior. Um conto de terror. Um conto afrofuturista premiado e publicado na revista Afro Literária. Atualmente é um roteiro de longa-metragem nos gêneros de Terror e Sertãopunk. Construído em disciplinas do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará e apoiado financeiramente pelo XIV Edital Ceará de Cinema e Vídeo - Difusão, Formação e Pesquisa, do Governo Estadual do Ceará. Essa versão começa a ser colocada no papel em 2022 com um ímpeto de investigar formas de escrever o Nordeste na ficção científica dentro do audiovisual, através das lentes do Sertãopunk.

O roteiro propõe um futuro alternativo para o Nordeste, mais especificamente para o sertão do Ceará, na cidade fictícia de Quixadamobim. A cidade é referência nacional na produção de energias renováveis, destacando-se nas fontes eólicas e solares. Maria de Lurdes, uma jovem aspirante a cientista e herdeira de uma fazenda solar, está presa na encruzilhada entre seu sonho de infância (se tornar a melhor cientista de robôs) e um casamento arranjado com Antônio, herdeiro do recém privatizado Açude do Cedro. Para tomar controle do próprio destino, Lurdes faz um acordo com a misteriosa Velha do Poço e as consequências deste pacto levarão a ficção científica a se encontrar com o horror.

Mandacaru Vermelho é a tentativa de uma criança-crescida apaixonada por foguetes, microchips e naves espaciais de fazer o filme que ela gostaria de ter assistido na sua infância. Um filme onde os cearenses possam ser mais que os “barrigudos, feridendo, gafos, fedorentos, andrajosos, paralíticos, perseguidos pela seca, pela miséria e pela injustiça” de Ariano Suassuna¹. Um filme onde cearenses são engenheiros de robôs, físicos quânticos, biólogos, especialistas em energias renováveis, programadores de inteligência artificial e até mesmo feiticeiras poderosas cheias de segredos.

Por fim, este trabalho é dividido em três partes. Este memorial, onde descrevo as etapas e decisões estéticas, políticas e financeiras que guiaram a escritura do roteiro. E em anexo ao Trabalho de Conclusão de Curso estão o roteiro do longa-metragem propriamente dito e seu argumento.

¹ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 190.

2. SERTÃO PUNK: ORIGEM E REVOLTA.

Em 2019, inspirados no caderno de ilustrações do gaúcho Vitor Wiedergrün, artistas, autores e pesquisadores do eixo Rio-São Paulo propuseram um novo subgênero literário na ficção científica chamado de cyberagreste. E, apesar do inegável primor técnico aplicado nas imagens, muitos autores Nordestinos ficaram profundamente incomodados. Pelas mãos dos autores do Sul, o Nordeste do amanhã ecoava o mesmo Nordeste de um passado distante, um passado que, segundo Durval Muniz, é idílico, criado pelas elites financeiras, intelectuais e culturais do século passado.

O que se chama hoje de “cultura nordestina” é um complexo cultural historicamente datável. É fruto de uma criação político-cultural, que tende a diluir as próprias diversidades e heterogeneidades existentes nesse espaço, em nome da defesa “de seus interesses e de sua cultura” regionais, contra o processo de diluição no nacional ou no internacional. Áreas culturalmente diversas como o Recôncavo Baiano, o litoral pernambucano e paraibano, o sertão cearense ou a parte amazônica do Maranhão, passam a ser pensadas como uma unidade, desde geográfica, étnica, até cultural. (MUNIZ, 2011, p. 351).

Figura 1 -Colagem Digital: O Cyberagreste de Vitor Wiedergrün.



Fonte: Redes sociais (Instagram/Twitter), 2019.

O Nordeste do futuro proposto pelo cyberagreste é seco, com cangaceiros por todo lado, peixeiras e cabras-macho aos montes. Uma imagem repetida, de fome, seca e banditismo, adicionada de elementos supostamente científicos como braços mecânicos, jegues cibernéticos e carabinas à laser.

A repercussão do trabalho de Vitor Wiedergrün nas redes sociais expôs o fato de que, apesar de todo o acesso à informação contemporâneo, a imagem que as outras regiões do Brasil têm do Nordeste ainda está profundamente associada a uma mitologia construída pela literatura e cinematografia do século passado. Para eles, aqui ainda é o território da seca, da falta d'água e dos cangaceiros e o futuro do Nordeste só pode ser a repetição desse passado.

Figura 2 - Colagem Digital: Comentários Públicos no Facebook de Vitor Wiedergrün.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

A indignação com a produção dessas imagens e a perplexidade com a reação positiva do público a esse conteúdo inflamou os escritores nordestinos G.G Diniz, Alec Silva e Alan de Sá a escreverem o Manifesto Sertãopunk: Histórias de um Nordeste do Amanhã². O

² DE SÁ, Alan. DINIZ, G.G. SILVA, Alec. **Sertãopunk: histórias de um Nordeste do amanhã**. Independente,

texto propõe um novo gênero da ficção científica e nasce em 2019, em posição diametralmente oposta ao cyberagreste. O Manifesto propõe que o Nordeste do futuro deve ser representado em sua multiplicidade cultural e étnica, com potência e protagonismo na ciência, educação, cultura e política ainda maiores do que aqueles que a região já possui. É negação da estética da miséria, da seca e do cangaço. É negação da representação do Nordeste como coisa unitária. É contraponto ao aprisionamento do Nordeste numa estética ultrapassada, repetitiva e que já não nos cabe e quiçá nunca nos coube, pois foi construída pelas mãos e interesses das elites de fora e de dentro daqui.

Sertãopunk não é briga de galo, crítica infundada, inveja ou falta de compreensão com uma “homenagem” malfeita. Sertãopunk é a nossa forma de ver a nossa terra, costumes e símbolos e traduzi-los na literatura. Ou melhor: é o sulicídio da literatura nordestina. (DINIZ, SILVA, SÁ. 2020, p. 12)

Para realizar este “sulicídio” da literatura nordestina, os autores trazem como protagonistas na criação do Sertãopunk, outros três gêneros: o Realismo Mágico, Afrofuturismo e o Solarpunk. Do Realismo Mágico, um gênero latino-americano no qual realidade e fantasia se misturam, que tem como expoentes nomes como Gabriel García Márquez, Jorge Luis Borges e Murilo Rubião, o Sertãopunk tira sua mescla de real e surreal. Em *A Noite tem Mil Olhos*, de Alec Silva, por exemplo, vemos em uma trama política sobre um nordeste recém-independente do Brasil ser atravessada abruptamente pela aparição de um capelobo, conhecido como lobisomem amazônico, que transforma os rumos da trama.

Do Afrofuturismo, o Sertãopunk tira a compreensão de que o Nordeste é uma região afroindígena e que devemos levar em consideração essa pluralidade de raça ao projetar futuros, sejam eles distópicos ou utópicos. A escolha do Afrofuturismo como gênero-mãe também é ponta de lança em relação ao frequente embranquecimento do Nordeste dentro de produtos de mídia. Bem Vinda a Quixeramobim, de Halder Gomes, é ótimo exemplo disso. Uma obra que se passa no Nordeste, com protagonista branca, onde, em diversos momentos, nordestinos pardos e pretos são filmados sob a mesma ótica de animais de zoológico, cujos comportamentos “exóticos” atraem o olhar das lentes cinematográficas.

Para definir o Afrofuturismo, trago Ytasha L. Womack e LaFleur:

O afrofuturismo é uma intersecção entre imaginação, tecnologia, futuro e libertação. “Eu geralmente defino o Afrofuturismo como uma forma de imaginar futuros

possíveis através de lentes culturais negras”, diz Ingrid LaFleur, curadora de arte e afrofuturista. LaFleur apresentou para o TEDx Fort Greene Salon, organizado de forma independente, em Brooklyn, Nova Iorque. “Vejo o Afrofuturismo como uma forma de incentivar a experimentação, reimaginar identidades e ativar a libertação”, ela disse. (WOMACK, 2013, p. 9)

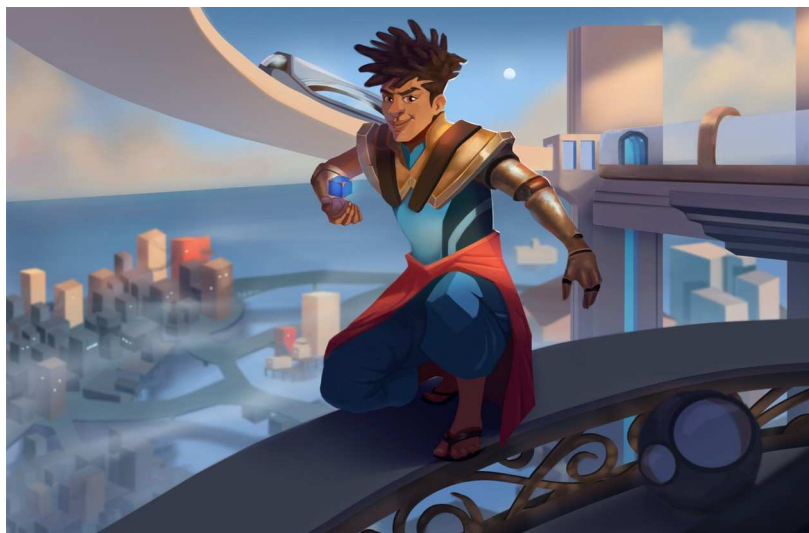
Do Solarpunk, o Sertãopunk retira seus ímpetus para construir um futuro esperançoso. Nos universos criados sob a ótica do Solarpunk, a humanidade supera a crise climática, vive sob uma matriz energética limpa e saudável, e se desenvolve tanto tecnologicamente quanto ambientalmente a níveis nunca antes observados. A reorganização das matrizes energéticas é o ponto central do Solarpunk, elemento que é absorvido pelo Sertãopunk. Como observa Gerson Lodi-Ribeiro:

Os temas abordados (no Solarpunk) variam do aproveitamento da energia dos relâmpagos atmosféricos à produção de biocombustíveis pelas artes da nanotecnologia; dos grandes veleiros espaciais impulsionados pela pressão da radiação solar aos conversores de matéria em energia; passando pelo advento de humanos fotossintéticos, pela extração da energia da aura humana armazenada noutra dimensão, pelo terrorismo contra empreendimentos e governos verdes, e pelo desenvolvimento precoce de fontes energéticas tidas como convencionais. (LODI-RIBEIRO, 2012, p. 9)

Para os fundadores do Sertãopunk, o Nordeste do amanhã será um ambiente culturalmente diverso, uma potência em energias renováveis e uma liderança em ciência, tecnologia e inovação. Será habitado por população multiétnica, multicultural e poderá ser visitado ocasionalmente por criaturas místicas e encantados. Além disso, enfrentará grandes desafios, como o coronelismo, as desigualdades sociais e os modos de produção do sistema capitalista. Nas palavras dos fundadores do movimento:

Em suma, o sertãopunk traz elementos de diversas vertentes literárias e acontecimentos sociais importantes nas vivências nordestinas e reflete sobre eles. E, sim: outros gêneros podem ser mesclados, horror, suspense, romance policial, etc. Afinal de contas, são as misturas de gêneros que tornam os mais diversos livros em grandes obras e geram curiosidade (DINIZ, SILVA, SÁ, 2020, p. 11).

Figura 3 - Série Sertãopunk, de Mariana Teixeira I.



Fonte: Ebook *Sertãopunk: o Nordeste no futuro presente*, 2021.

Figura 4 - Série Sertãopunk, de Mariana Teixeira II.



Fonte: Ebook *Sertãopunk: o Nordeste no futuro presente*, 2021.

Os trabalhos acima são de Mariana Teixeira, ilustradora baiana, que colocou no pincel suas visões de futuro para seu Nordeste, sob a perspectiva do Sertãopunk. Imagens que ecoam

passado, pertencimento e conseguem projetar futuros sem fazer uso da ofensiva rede de estereótipos projetada por anos de produção artística sobre nossa região. *Mandacaru Vermelho: Uma Odisseia Sertãopunk* bebe dessas indignações, convenções e perplexidades, mistura ficção científica com horror e representa o Nordeste tomando distância das imagens de aprisionamento, da fome, do cangaço e da miséria que tanto cercam as produções feitas sobre nossa região.

3. POR QUE ESCREVER FICÇÃO CIENTÍFICA NORDESTINA?

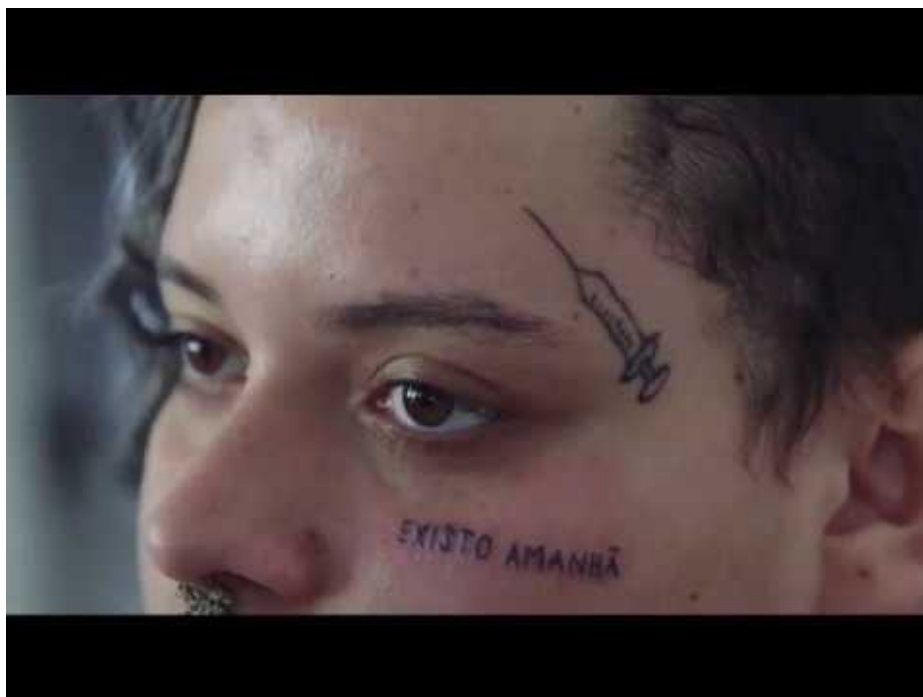
Isadora Ravena abre sua Sinfonia para o Fim do Mundo com a seguinte provocação:

Como arrancar ao futuro a possibilidade de permanecer viva? Acredito que as existências trans/travestis só se tornam possíveis por um esforço de imaginação. Sim, imaginação. É preciso mais do que nunca que nos dediquemos ao exercício da imaginação de novos mundos, não mais contornados pelos limites de um mundo instaurado pela normalidade. Estamos, pessoas trans/travestis, a desenhar novos mundos, não mais guiados pelas binariedades sufocantes: o eu e o outro, o corpo e a mente, o homem e a mulher. É, sem dúvida, um projeto arriscado, por vezes silencioso, um projeto de fuga, um plano estratégico. Nessa guerra a arte tem se tornado aliada. Descobrimos que a arte pode e deve ser uma plataforma na criação de novos modos de existir. Estamos, a partir da arte, tornando coletivo o empenho em imaginar. Somos muitas, muitos, muitos artistas trans/travestis e por múltiplos caminhos desenhamos para a arte novas questões, novas abordagens, outras epistemes, um colapso estético. (RAVENA, 2020, p. 5).

No contexto original, a fala antecipa a discussão sobre a obra “Existo amanhã”, da própria Isadora Ravena. Nesse trabalho, a artista tatua em seu rosto a frase “Existo amanhã” e analisa, a partir de seu lugar de fala³, as implicações estéticas, políticas e artísticas deste gesto que, à primeira vista, é muito simples.

³ RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.

Figura 5 - Print de Tela da Obra *Existo Amanhã*, de Isadora Ravena.



Fonte: Obra audiovisual *Existo Amanhã*, de Isadora Ravena, 2020.

Isadora Ravena é travesti. Habita um dos corpos com a menor expectativa de vida deste país. Marcar na pele esta frase é também anunciar para o futuro que ela permanecerá aqui. É uma promessa. Ato de criação de um mundo outro no qual Ravena permaneça aqui a cada amanhã que se aproxima e passa. Pode parecer um salto de gafanhoto partir deste trabalho para justificar a existência de um roteiro de ficção científica, sertãopunk e horror, mas quando penso em ficção científica e especulativa e nos motivos que me levam a escrever dentro destes gêneros, são pensadoras como Isadora Ravena e Jota Mombaça que me vem à mente. Entendo o valor de conceitos como o de Darko Suvin, para quem a ficção científica é:

"Um gênero literário ou construto verbal cujas condições necessárias e suficientes são a presença e interação de distanciamento e cognição, e cujo dispositivo principal seja a moldura imaginativa alternativa ao ambiente empírico do autor." (ROBERTS, 2018, p. 40)

E até concordo com Samuel R. Delany quando ele declara que a ficção científica:

É uma estratégia de leitura. Um vasto jogo de convenções codificadas onde a maioria de nossas expectativas específicas em relação ao texto gira em torno da pergunta: o

que no mundo em que a história retrata, por declaração ou implicação, tem de ser diferente do nosso para que tal sentença seja normalmente proferida? (ROBERTS, 2018, p. 41)

Porém quando reflito sobre o porquê, o que me leva a, quase sempre que me proponho a escrever uma nova narrativa, cair no seio da ficção científica outra vez, me parece que Jota Mombaça, em sua análise da obra de Octavia E. Butler, é quem melhor descreve minhas motivações:

Para Lauren, olhar o abismo do futuro e lidar com as realidades, por mais devastadoras que sejam, é determinante para a sobrevivência. Da mesma forma, gosto de perceber este tempo em suas crueldade e miséria, em sua crueza e desencanto, porque suspeito que não possamos simplesmente superá-lo ou transcendê-lo. Não se deixa para trás o que está por todo lado, mas também não se pode aceitar que o que está por todo lado estará sempre aqui. Se o futuro está para ser moldado, e o presente é o colapso, esgotar o que existe é condição de abertura para os portões do invisível. (MOMBAÇA, 2021, p. 112)

Escrever ficção científica é muito mais sobre o tempo presente do que sobre o amanhã.

Na verdade, a gente vive reclamando, mas essa coisa foi encomendada, chegou embrulhada e com aviso: “Depois de abrir, não tem troca”. Há duzentos, trezentos anos, ansiavam por esse mundo. Um monte de gente decepcionada pensando: “Mas é esse mundo que deixaram pra gente?” Qual é o mundo que vocês estão empacotando agora para deixar às gerações futuras? O.k., você vive falando de outro mundo, mas já perguntou para as gerações futuras se o mundo que você está deixando é o mundo que elas querem? A maioria de nós não vai estar aqui quando a encomenda chegar. Quem vai receber são os nossos netos, bisnetos, no máximo nossos filhos já idosos. Se cada um de nós pensa num mundo, serão trilhões de mundos, e as entregas vão ser feitas em vários locais. Que mundo e que serviços de delivery você está pedindo? Há algo de insano quando nos reunimos para repudiar este mundo que recebemos agorinha, no pacote encomendado pelos nossos antecessores; há algo de pirraça nossa sugerindo que, se fosse a gente, teríamos feito muito melhor. (KRENAK, 2019. p 67)

Escrever ficção científica é uma ferramenta. É uma forma de imaginar o futuro sem uma perspectiva passiva, de aceitação do que vem por aí. Pois imaginar é também moldar. É fazer com o que vem por aí seja o que nós desejamos. Imaginar o futuro para moldar, no presente, o caminho até um futuro que desejamos. GG Diniz costuma dizer em conferências que o movimento Sertãopunk vem igual a uma voadora de dois pés. Gritando a plenos pulmões que

o nordeste não é só isso que vocês estão mostrando. Berra, a quem quiser ouvir, que os nordestinos não serão capturados, que não podem se deixar capturar. Que daqui em diante as imagens produzidas de nós mesmos serão outras.

A década de trinta marca também a “descoberta” de um outro Nordeste. Um Nordeste que olhava sem saudade para a casa-grande, que sentia o mesmo desconforto com o presente, mas que também virava as costas para o passado, para olhar em direção ao futuro. Um Nordeste construído como espaço para utopias, como lugar do sonho com um novo amanhã, como território de revolta contra miséria e injustiças. Um lugar onde a preocupação com a nação e com a região se encontrava com a preocupação com o “povo”, com os trabalhadores e com os operários. Um espaço não mais preocupado com a memória, mas com o “fazer história”. Um espaço conflituoso, atravessado pelas lutas sociais, “pela busca pelo poder”. Um espaço fragmentado, em busca de uma nova totalização, de um novo encontro com a universalidade. Um Nordeste não mais assentado na tradição e na continuação, mas sim na revolução e ruptura. Um espaço em busca de uma nova identidade cultural e política, cuja existência só uma “estética revolucionária” seria capaz de expressar. Nordeste, território de um futuro a ser criado não apenas pelas artes da política, mas também pela política das artes. (MUNIZ, 2009, pág 207)

Quase um século depois o *Mandacaru Vermelho: Uma Odisseia Sertãopunk* surge neste mesmo ímpeto. Busca trazer para o audiovisual as mesmas reverberações que o movimento Sertãopunk trouxe para a literatura. Tem uma vontade de pegar tudo o que está posto sobre o nordeste no audiovisual e ser um divisor de águas, uma nova abordagem, um colapso estético.

4. A TRAJETÓRIA DE MANDACARU VERMELHO

Mandacaru Vermelho: Uma Odisseia Sertãopunk é um projeto antigo em minha jornada como profissional da escrita e do audiovisual. Sua primeira versão chegou ao mundo em 2017 durante curso de roteiro para narrativas de curta-metragem ministrado por Marcelo Muller na Escola Porto Iracema das Artes. Na época eu sequer era matriculada no curso de Cinema e Audiovisual da UFC. O curso aconteceu pouco após a morte de Belchior e tinha como objetivo promover uma imersão na obra do cantor. Sete anos atrás, *Mandacaru Vermelho: Uma Odisseia Sertãopunk* se chamava *Como nossas mães* e não trazia em si os elementos de ficção científica que fazem o longa se descolar de outras narrativas de horror.

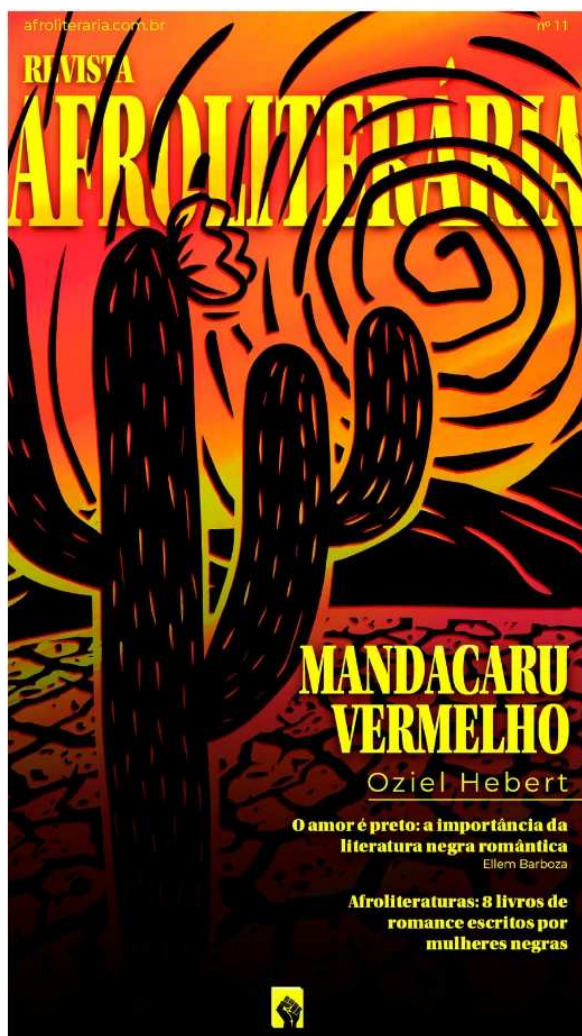
Como nossas mães não teve uma vida longa. Era uma obra muito dependente de clichês narrativos, de um *gore* excessivo que inclusive reforçava muitos dos estereótipos de pobreza, seca e miséria que sua versão mais atual tenta repelir e combater. Lembro de insistir no projeto durante alguns meses e inscrevê-lo em diversas seleções de editais públicos sem qualquer sucesso. Paralelo a isso, acontecia uma tentativa de ingressar no curso de Cinema e Audiovisual da UFC via ENEM bastante inspirada pela passagem pelo Curso de Cinema e Vídeo da Casa Amarela. Com a aprovação no exame e o início da graduação, coloquei *Como nossas mães* na gaveta, apesar da sensação de que estava enterrando uma boa história, deixei de lado o conto de fadas nordestino que não ganhava qualquer premiação e me dediquei a materialidade do primeiro semestre da graduação.

Era 2018 e neste primeiro ano de faculdade de artes quatro disciplinas cruciais para minha formação aconteceram. A disciplina de roteiro com Professor Marcelo Dídimo, a disciplina de Produção, com Samantha Capdeville, a disciplina de Teorias e Estéticas Contemporâneas do Audiovisual, com Sylvia Beatriz Furtado e Teorias e Estéticas da Arte, com Yuri Firmeza. As duas últimas disciplinas ampliaram meu repertório de forma abrupta. Subitamente o mundo das artes não se limitava às produções hollywoodianas e nipônicas que eu consumia com frequência. Uma pérola chamada *Lá Jetté* (1962), de Chris Marker, fez morada se enraizou em minha mente e logo se transformaria numa árvore cheia de frutos. Também era a primeira vez que aprendia os princípios de roteiro de forma estruturada e a longo prazo e descobrir a existência dos editais públicos de financiamento e como chegar até eles. *Lá Jetté* inspirou o primeiro curta de ficção científica que escrevi a ganhar um edital de financiamento público: o *2020*. Curta escrito, testado e formatado para editais dentro do curso de Cinema e Audiovisual para a UFC, com apoio do corpo docente. Filmado semanas antes da situação pandêmica, *2020* circulou em diversos festivais a partir de 2021.

Sem os aprendizados teóricos e práticos que tive com 2020 chegar até *Mandacaru Vermelho: Uma Odisseia Sertãopunk* teria sido impossível. Dando alguns passos para trás na cronologia, em 2019 o Manifesto Sertãopunk foi publicado e meu interesse voltou à *Como nossas Mães*. Percebi com a leitura do Manifesto as incongruências estéticas, éticas e narrativas que transformaram aquele coração pungente da história numa narrativa muito mal executada. O próximo movimento me parecia evidente. *Como nossas mães* precisava morrer para que uma nova história surgisse de suas cinzas. Uma história de terror afrofuturista repleta de elementos de sertãopunk que se passa nas paisagens estonteantes do interior de Quixeramobim que tanto me impactaram durante uma viagem na juventude.

Em 2020, uma nova versão de Mandacaru Vermelho estava pronta. Um texto literário que passou pelo escrutínio dos meus companheiros e companheiras do coletivo Escambau: um grupo de escritores e escritoras fundado em 2015 e atuante até a data da publicação deste TCC. Depois de alguns meses debatendo o texto dentro do coletivo, comecei a colocar o material à prova em concursos literários e chamadas para publicação em Revistas Literárias. Nesta versão já estavam presentes os elementos de sertãopunk que se tornaram centrais no longa-metragem: os drones de Lurdes e a fazenda de energia solar da família de nossa protagonista. Foram mais dois longos anos até o projeto encontrar um lar. Com um simbólico cachê de duzentos e cinquenta reais, Mandacaru Vermelho foi publicado pela Revista Afroliterária, na edição número 11, ano 2022.

Figura 6 - Colagem Digital Revista Afrofuturista Volume 11.



EDITORIAL

"Haja, sinta, ame do seu jeito, tenha orgulho no seu peito, se orgulhe do amor, meu bem!"

Como Bia Ferreira canta em "Levante a bandeira do amor", nesta edição da Revista Afroliterária falamos sobre a importância do amor para a população negra como um ato de resistência e liberdade, pois o amor humaniza e sobrevive. Essa expressão é importante tanto nas diferentes formas de amar o próximo quanto a si mesmo. O tema é a discussão central do artigo de Ellem Barboza, que complementamos com a lista do Afroliteraturas, mas também está presente e potente na protagonista do conto sertãopunk de Oziel Herbert.

Boa leitura e muito amor!

Lorrane Fortunato
Sérgio Motta
Editores

Fonte: Revista Afrofuturismo, 2022.

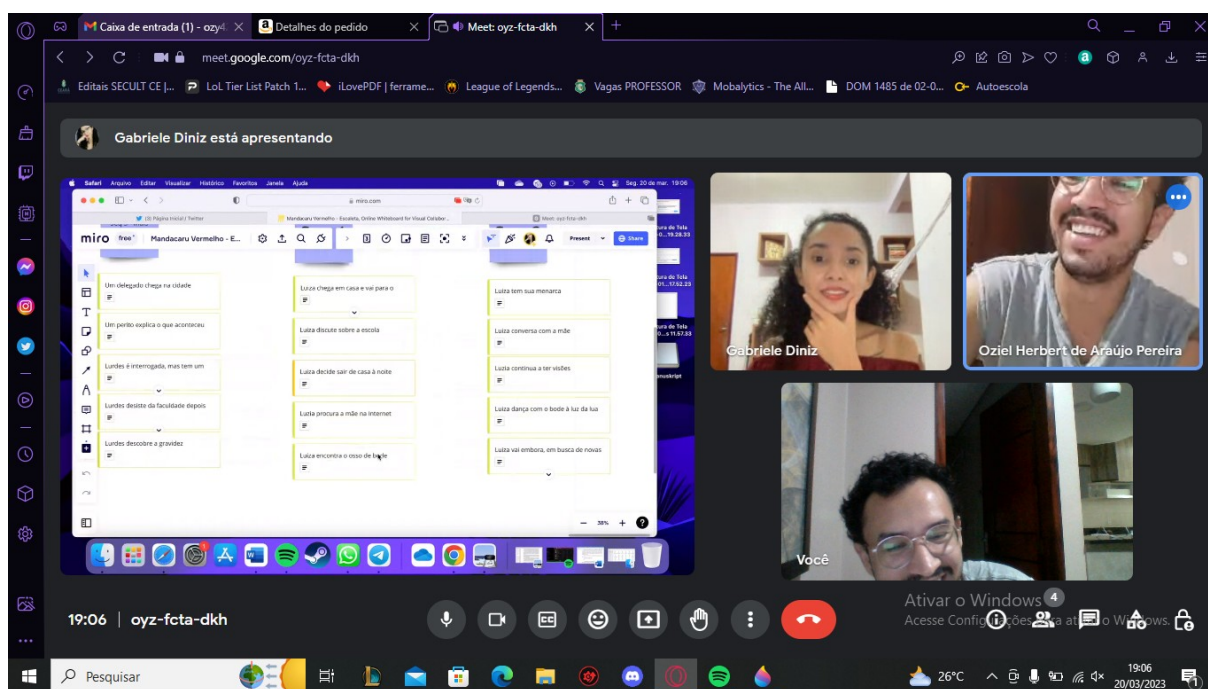
Em paralelo ao avanço de Mandacaru Vermelho na cena literária, *2020* estreia no 31º Cine Ceará. Revendo a obra a luz do Manifesto Sertãopunk, percebi que ela se enquadra no gênero. Em todas inscrições, fiz questão de pôr: Sertãopunk. Descobri que foi a primeira obra do audiovisual a se colocar na cena como pertencente a este gênero. Com a repercussão de Mandacaru Vermelho na Afroliterária e *2020* nos festivais de cinema, algumas conexões que não pareciam possíveis apareceram para mim. Fui convidada junto de GG Diniz, uma das pessoas co-fundadoras do Movimento Sertãopunk, a participar de rodas de conversas sobre o tema em eventos como a Pré-Bienal do Livro do Ceará e também a Feira Literária da Diversidade. As conversas com GG Diniz não se limitaram ao tema dos eventos. Havia uma

vontade no ar de colaborar em projetos, de trabalhar para ver o Sertãopunk para alcançar novos espaços.

Apesar de sempre mencionado, esse desejo era rapidamente esquecido pelos turbilhões da vida. Entretanto, com a publicação do XIV Edital Ceará de Cinema e Vídeo - Difusão, Formação e Pesquisa, vimos uma oportunidade de transformar Mandacaru Vermelho em um longa-metragem e decidimos tentar. Preparamos nossos projetos e conseguimos um nome de peso para ser nosso consultor: Adirley Queirós.

Nos últimos meses de 2022 chegou a grande notícia, com uma nota elevada que nos proporcionou o segundo lugar na categoria LONGA-METRAGEM INTERIOR, Mandacaru Vermelho estava aprovado no XIV Edital Ceará de Cinema e Vídeo - Difusão, Formação e Pesquisa! Empolgação e felicidade me inundaram, porém, tocar um roteiro com recursos públicos se mostrou muito mais laborioso do que eu esperava.

Figura 7 - Print de Tela, Reunião de Roteiro.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Por inexperiência, me incubi de exercer duas tarefas complicadas dentro do processo de produção do roteiro: a de produção executiva e a de chefe de sala de roteiro. Foi caótico. Fazer os papéis de criativo e gestor de recursos ao mesmo tempo gerava um prejuízo mútuo: nenhuma das atividades era realizada com maestria e destreza e o projeto começou a atrasar. Nos primeiros meses de 2023 eu me reunia com GG Diniz quinzenalmente para ler os materiais que ela produzia e dar orientações de escrita para os próximos encontros. Quinzenalmente era uma frequência inadequada. Especialmente se levarmos em conta que apesar da vasta experiência

como autora literária, aquele era o primeiro projeto de GG Diniz no formato audiovisual. Para piorar a situação já problemática, nosso consultor teve de nos deixar de lado para se dedicar às filmagens de seu próximo longa e ficamos sem consultor, pouco meses depois do início da execução do projeto.

Tinha tudo para dar errado, mas, apesar das dificuldades, foi possível finalizar e testar algumas versões de escaleta no primeiro semestre de execução do projeto, pouco antes das viagens de pesquisa à Quixadá e Quixeramobim.

Essas viagens estavam previstas para a etapa de pesquisa do projeto, porém, devido a perda do consultor e necessidade de ajustes no orçamento e aprovação do mesmo pela Secult-CE, foram adiadas para o segundo semestre de 2023. As viagens tinham como principal objetivo conhecer Quixadá e Quixeramobim através do ponto de vista de moradores jovens que escolhemos como guias. Passamos um fim de semana em cada uma das cidades. Nossa principal ferramenta de trabalho foi uma humilde câmera DSLR.

Em Quixadá, visitamos seis pontos: a Fazenda do Majé, a Trilha do Vale Perdido, a Gruta de São Francisco, a Pedra do Cruzeiro, a Pedra da Galinha Choca, o Açude do Cedro e o Santuário Rainha do Sertão. Com esse percurso conhecemos os monólitos de perto, escalamos alguns deles e percorremos as principais trilhas da cidade. Visitamos pontos turísticos conhecidos e fomos apresentados a locais mais secretos, desvios de rota que levavam a cantos secretos, conhecidos somente pelo olhar atento de César Moura, nosso guia e morador de Quixadá desde o nascimento. A orientação para quem portava a câmera, que revezou entre minha pessoa, GG Diniz e César Moura, era fotografar o verde, a arquitetura das fazendas e os monólitos. Abaixo, alguns registros de nossa visita.

Figura 8 - Diário Fotográfico Quixadá 1.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 9 - Diário Fotográfico Quixadá 2.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 10 - Diário Fotográfico Quixadá 3.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 11 - Diário Fotográfico Quixadá 4.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 12 - Diário Fotográfico Quixeramobim 1.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Infelizmente, perdemos um dos nossos cartões de memória durante o retorno da viagem e as imagens do Açude do Cedro e a Pedra da Galinha Choca foram perdidas. Apesar disso, a viagem foi produtiva e muito do que vimos aqui acabou nas páginas do roteiro. O Açude do Cedro se tornou elemento central na trama e passagem secreta apresentada na Figura 11 se tornou o lugar especial em Lurdes e Antônio tem um de seus primeiros encontros.

Em Quixeramobim, conhecemos o Curso do Rio e suas pontes. Ponte da Barragem, Passagem Molhada, Ponte Metálica e Ponte dos Trilhos. Também fomos apresentados aos Lajeiros dos Poços, ao Poço da Onça e ao famoso Pé de Cajá que logo se tornou parte do roteiro. Também tivemos acesso a um curioso Instituto Médico Legal cravado em um monólito, ao lado de uma Igreja Católica. Nosso guia foi o artista Lucas Azevedo. Assim como na primeira viagem, o câmara revezou entre os três integrantes da equipe. Abaixo, alguns registros de nossa passagem pela cidade.

Figura 13 - Diário Fotográfico Quixeramobim 2.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 14 - Diário Fotográfico Quixeramobim 3.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 15 - Diário Fotográfico Quixeramobim 4.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 16 - Diário Fotográfico Quixeramobim 5.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 17 - Diário Fotográfico Quixeramobim 6.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 18 - Diário Fotográfico Quixeramobim 7.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Em Setembro de 2023 começam as Consultorias de Acessibilidade com Lyvia Cruz, professora, tradutora e contadora de histórias, Mestranda em LIBRAS pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia, sede Camocim, mediadas pela equipe do Ondas de Tradução. Luzia, filha de Lurdes e protagonista do terceiro ato, é uma jovem surda e sentíamos que precisávamos ouvir da própria comunidade surda, *insights* sobre a personagem, o cenário ao redor dela e suas relações interpessoais. Essa conversa foi essencial para repensar alguns *beats* da escaleta antes de seguir para a escrita do argumento.

Inspirados pelas viagens e pelas conversas com os profissionais da Ondas de Tradução, iniciamos a escrita do argumento ainda em Setembro de 2023. As conversas e trocas com GG Diniz durante esse período foram quinzenais e consolidaram uma percepção sondamos por alguns meses. A história que queríamos contar parecia impossível de ser realizada no formato *live-action*. Os eventos do terceiro ato, as cenas mirabolantes e o próprio Bode Mágico que sempre esteve ali, quase um lembrete, de que a natureza da história precisava mudar para que ela se tornasse viável. Voltamos ao argumento com sensação de renovação e liberdade.

Quando estávamos perto de finalizar o argumento e iniciar a escrita do primeiro tratamento do roteiro, GG Diniz ficou temporariamente incomunicável e com dificuldades de se envolver nos processos de escrita devido a problemas de saúde. Por um tempo tentei tocar tudo sozinho e, obviamente, não consegui. O fim do prazo de execução do projeto estava chegando ao fim e ainda não tínhamos uma versão do primeiro tratamento para enviar à prestação de contas. Em Setembro de 2023 se juntou à equipe o roteirista mais rápido que conheci na vida: Litelton Firmiano, companheiro do curso de cinema e audiovisual da UFC.

Litelton Firmiano foi incumbido da tarefa de converter a pesquisa, a escaleta, o argumento e as primeiras páginas do roteiro que GG Diniz e eu construímos durante um ano em um primeiro tratamento escrito no tradicional formato *master scenes*. Nossas reuniões foram semanais e em cerca de três semanas Litelton já apareceu com sua versão do primeiro tratamento. Nesse período GG Diniz se recuperou e se juntou a nós para os ajustes finais que culminaram na versão em anexo neste trabalho de conclusão de curso.

5. UM NORDESTE CHEIO DE VIDA E PERIGOS.

O meio ambiente da região nordeste tem sido representado na cinematográfica nacional quase sempre através de uma mesma lente: a da seca. Não é difícil encontrar obras, sejam das mais recentes (como a série Cangaço Novo) ou das mais antigas (como Deus e o Diabo na Terra do Sol), que reforcem a região como a terra do sol escaldante, da falta de água e da escassez. Mandacaru Vermelho não nega o impacto das secas na história e na cultura do Ceará. Mas porque mostrar um futuro em que essa ainda é nossa sina? Se, mesmo nos dias de hoje, devido a avanços tecnológicos como a construção de açudes e distribuição de cisternas às famílias, a relação do nosso povo com os ciclos climáticos já não tem muito a ver com retrato da seca na qual nossas narrativas foram aprisionadas, é difícil acreditar que, num futuro distante, tal dificuldade ainda seja a grande vilã da história.

Em *Mandacaru Vermelho: Uma Odisseia Sertãopunk* quero mostrar o sertão em seu período chuvoso, verde e cheio de vida. Nós que vivemos aqui, sabemos que o Nordeste também é verde. Há muitas cidades perto de regiões montanhosas, como Pacatuba e Maranguape. Eu mesmo, que vivi os primeiros anos de minha vida em uma Maracanaú, antes da urbanização massiva, cansei de correr em matagais de verde vibrante com outras crianças e subir em árvores frondosas, cheias de insetos e pequenos mamíferos. E mesmo quando falando das regiões mais sujeitas à influência da seca, como as regiões da Caatinga, bioma predominante do Ceará, o verde ainda se faz presente.

A Caatinga é o domínio morfoclimático que predomina no Nordeste do Brasil e está inserida no contexto do clima semiárido. Os indígenas, povos originários da região, a chamavam assim porque, na estação seca, a maioria das plantas perde suas folhas, prevalecendo na paisagem a aparência clara e esbranquiçada dos troncos das árvores. Daí vem o nome Caatinga (caa: mata e tinga: branca) que significa “mata ou floresta branca” traduzido do tupi. No período chuvoso, a paisagem muda de esbranquiçada para variados tons de verdes com a rebrota das folhas das árvores e com o surgimento de diversas plantas nas primeiras chuvas. (Associação Caatinga. 2022, p. 13.)

Além disso, a Caatinga também é palco de uma biodiversidade vibrante. São 5.311 espécies vegetais e 1.063 espécies animais. Aves encantadoras e coloridas como o Cancão, o Galo-de-campina e o Corrupião. Todo esse jorro de vida espera qualquer gota d’água para sair de suas tocas e povoar os sertões e a Caatinga. Para alcançar essa exuberância verde,

dialogamos com algumas obras do Studio Ghibli, em especial os longas Pom Poko: A Grande Batalha dos Guaxinins (1994) e O Conto da Princesa (2014) dir. Isao Takahata.

Figura 19 - Print de Tela, O Conto da Princesa Kaguya.



Fonte: O conto da Princesa Kaguya, 2013.

Figura 20 - Print de Tela, PomPoko - A Grande Batalha dos Guaxinins.



Fonte: A Grande Batalha dos Guaxinins, 1994.

Figura 21 - Print de Tela, O Conto da Princesa Kaguya.



Fonte: O conto da Princesa Kaguya, 2013.

Nessas obras de Isao Takahata, podemos observar que a câmera frequentemente toma um distanciamento de seus personagens para enquadrar também a natureza esplêndida que os cerca. É um esforço ativo do autor de recuperar as imagens das florestas japonesas que foram destruídas pelo processo de urbanização acelerada do país. Em caso mais extremos o filme chega a ter sua narrativa paralisada, para que tenhamos longos planos contemplativos das belezas naturais. Em *Mandacaru Vermelho: Uma Odisseia Sertãoopunk*, buscaremos uma abordagem similar para destacar e trazer à luz as belezas naturais e a biodiversidade da Caatinga.

Bacurau (2019), dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, prega em nós uma pequena peça. De saída, pensamos estar diante de uma ficção científica pura, onde os cidadãos da cidade do interior estão sendo abduzidos por alienígenas. Quando percebemos que os executores são, na verdade, humanos, o impacto dessa descoberta é amplificado.

6. UM NORDESTE CHEIO DE TECNOLOGIA.

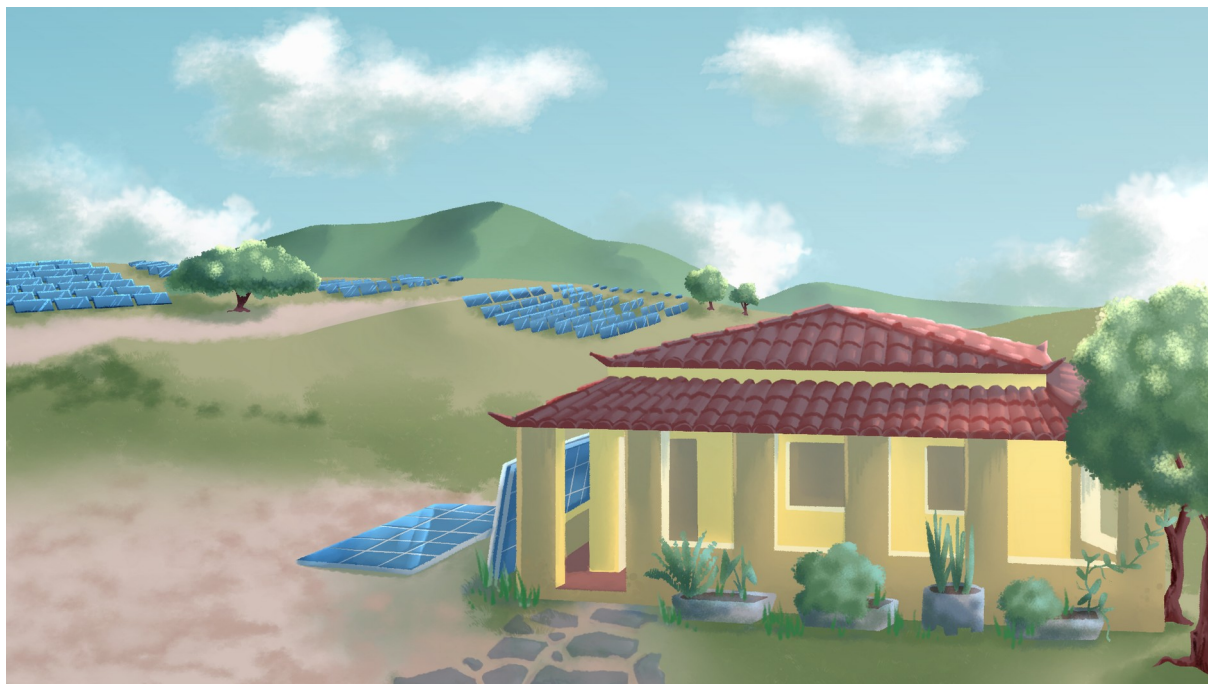
O Nordeste tem sido retratado no cinema brasileiro como lugar de atraso, marcado pela aridez implacável e pela ausência de progresso tecnológico. Nos clássicos *Vidas Secas* (1963), dirigido por Nelson Pereira dos Santos e *Deus e o diabo na terra do Sol* (1964), dirigido por Glauber Rocha, obras produzidas e lançadas nos anos 60, vemos a representação das secas dos anos 1920 sendo levadas da literatura para as telonas. Nas lentes de Nelson Pereira dos Santos, uma violência bruta e crua do meio ambiente, da região, contra seus moradores. Nas lentes de Glauber Rocha, uma profunda alegoria onde é sertão, o interior, é a ignorância que cerca e aprofunda a falta de sentido da vida do protagonista e a única solução é, por fim, fugir para o mar.

É compreensível que o trauma das Grandes Secas tenha gerado tantas obras literárias e cinematográficas, afinal, segundo Durval Muniz, foi através das secas e do cangaço que as elites intelectuais e políticas conseguiram articular o Nordeste como região. A região Nordeste surge após sua criação pelas artes enquanto terra presa em um eterno atraso em relação ao Sul. Talvez por isso, mesmo obras contemporâneas continuam a delimitar, aprisionar o Nordeste como terra onde a tecnologia não chega e quando chega é algo tão peculiar, que seus habitantes não sabem fazer uso dessas tecnologias.

Na novela *No Rancho Fundo*, criada por Mário Teixeira, está repleta de cenas em que seus nordestinos usam *smartphones* de maneira caricata e risível. Em *Bem Vinda a Quixeramobim*, de Halder Gomes, nem mesmo os banheiros chegaram a região e os nordestinos, coitados, precisam fazer suas necessidades em baldes antes de comer farofa, sem sequer lavar as mãos, obviamente.

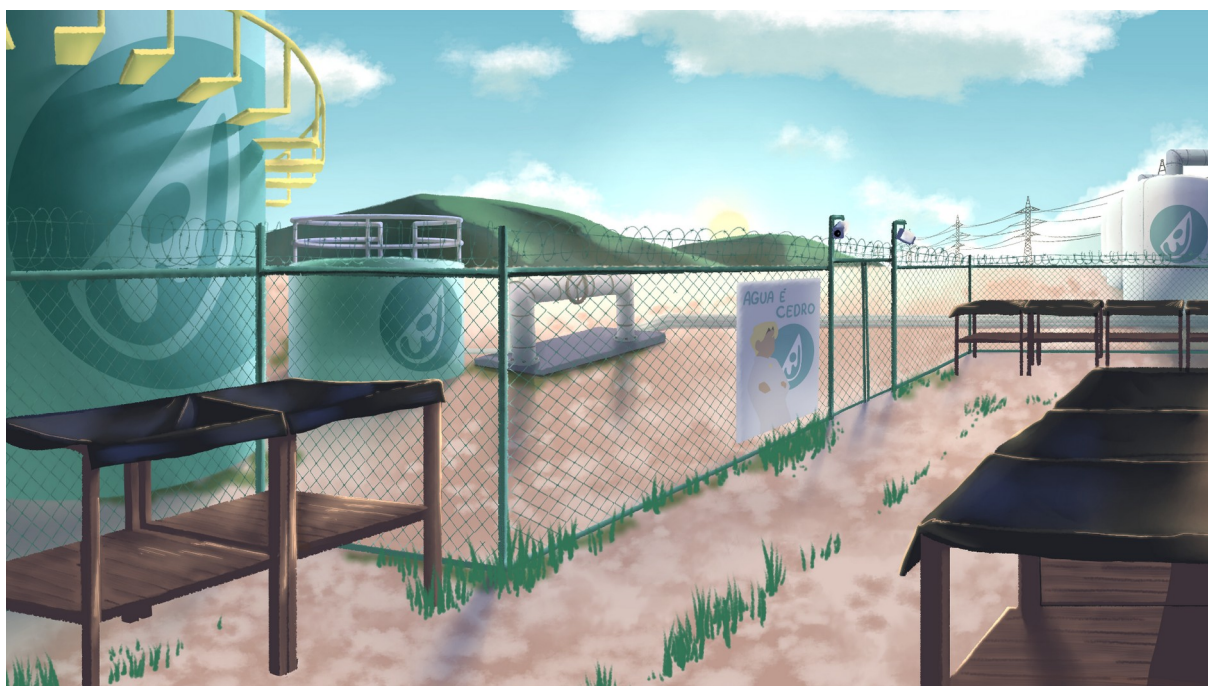
Sendo cria do Movimento Sertãopunk, *Mandacaru Vermelho: Uma Odisseia Sertãopunk* traça uma rota diferente. Ao invés de se tornar mais um elo nessa corrente que perpetua um Nordeste fossilizado em seus estereótipos, o longa mostra um sertão onde a tecnologia não só está presente, mas é central na construção da identidade e do futuro da região. Quixadamobim é uma cidade reimaginada como potência em energias renováveis, com faculdades públicas que formam cientistas de robôs. Um lugar onde drones cortam o céu trabalhando da agricultura, nos painéis solares e turbinas de energia eólica que se espalham na vastidão, longe das residências, cercados pela caatinga preservada e pelos inselbergs. Apesar disso, parte dessas tecnologias ainda estão sob o controle de antigos inimigos que permanecem poderosos mesmo num futuro distante: o coronelismo e o capitalismo.

Figura 22 - Concept Art Mandacaru Vermelho 1



Fonte: Ebook Mandacaru Vermelho, 2017.

Figura 23 - Concept Art Mandacaru Vermelho 2.



Fonte: Ebook Mandacaru Vermelho, 2017.

7. UM NORDESTE CHEIO DE PERIGOS.

Duas obras pelas quais tenho profundo carinho inspiraram diretamente a narrativa de *Mandacaru Vermelho: Uma Odisseia Sertãopunk*. São elas: *A Bruxa* (2015), dirigido por Robert Eggers e *Vida Maria* (2006), dirigido por Márcio Ramos. Ambas, em minha leitura, são obras de horror.

Na primeira somos apresentados a uma família tradicional que faz parte dos primeiros colonizadores dos Estados Unidos da América, expulsos de um assentamento por desobediência do patriarca, eles são forçado a viver próximos a mata fechada, onde habitam bruxas e perigos ancestrais que lentamente enlouquecem e levam um a um os membros da família à morte e destruição. No fim, sozinha, a única sobrevivente aceita um pacto com o diabo para se libertar e sobreviver. Na segunda também somos apresentados a uma família tradicional, vivendo no meio do nada. Todavia, aqui, não há bruxas, demônios e feiticeiras, mas há, sim, uma maldição. O curta nos aponta que as mulheres desta família estão todas condenadas a repetir um ciclo tenebroso de morte. Aprisionada no papel de mãe, parideira, mulher trabalhadora, condenada a abandonar os próprios sonhos. Maria de Lurdes é uma personagem que aparece a partir do contato com essas duas narrativas. Uma garota inteligente e determinada a fazer qualquer sacrifício para realizar seus sonhos e, como uma protagonista de horror, nada é o que parece e tudo o que pode dar errado, dará errado.

Figura 24 - Concept Art Mandacaru Vermelho 3.



Fonte: Ebook Mandacaru Vermelho, 2017.

Figura 25 - Concept Art Mandacaru Vermelho 4.



Fonte: Ebook Mandacaru Vermelho, 2017.

CONCLUSÃO

Mandacaru Vermelho: Uma Odisseia Sertãopunk é um fracasso. Um roteiro de longa-metragem concebido por uma pessoa inexperiente na escrita de longas. Uma pessoa que não foi capaz de gerir a criação coletiva com a capacidade de que o texto precisava para sair de um argumento convincente e se tornar uma obra narrativamente sustentável, viável e exequível.

Erra em seus personagens, pois suas motivações são rasas, contraditórias e por vezes incompreensíveis. Erra em sua trama que, apesar de baseada na Estrutura do Conto Maravilhoso de Vladimir Propp, não consegue encantar ou convencer como o conto de fadas distorcido e grotesco que pretendia ser. Erra em sua gestão de recursos que, apesar de manter pessoas incríveis em sua equipe, perdeu um consultor de qualidade no caminho, não foi capaz de conseguir outro e deixou o projeto desandar e ser finalizado às pressas, no limite do tempo estipulado pelo edital sem estar verdadeiramente pronto.

Alguns poucos e ínfimos acertos merecem destaque. A colaboração com GG Diniz e Litelton Firmiano foi crucial para que o projeto chegasse ao ponto em que está hoje. Ainda impera sobre muitos o rumor de que a escrita é uma arte solitária. Não é. Escrever em diálogo ergue possibilidades antes insondáveis. As viagens a Quixadá e Quixeramobim e as ilustrações de Elle Lopes também foram belíssimos acertos. Com essas imagens, partes da história ocultas foram reveladas. Situações novas, cenários, arquiteturas. Vislumbres de nossos personagens caminhando pelas cidades que logo se converteram em páginas de roteiro. Os erros, em alguma medida, também se tornam acertos ao longo do tempo. Não pretendo repetir os erros que já cometi aqui.

Entretanto, o que me salta, desse longo processo criativo que se arrasta a mais de sete anos, é que *Mandacaru Vermelho: Uma Odisseia Sertãopunk* se tornou uma obra tão opulenta e petulante que nem mesmo eu sou capaz de ver a ser a obra sendo financiada por qualquer um dos *players* no mercado audiovisual atual que teriam a capacidade de investir os valores para sua realização. Drones, montanhas, painéis solares, painéis eólicos, explosões de sangue e bodes mágicos. Quem investiria nesse projeto em *live-action*? Mesmo em animação, quem toparia investir nesta loucura? Quem pagaria um ingresso?

Acredito que *Mandacaru Vermelho: Uma Odisseia Sertãopunk* se transformará em um livro. Afinal, como diz George R.R. Martin: “em um livro não há preocupações com o orçamento. Você pode fazer o que quiser.”

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino*. **Revista Observatório Itaú Cultural - N. 25** (maio/novembro 2019). – São Paulo : Itaú Cultural, 2007.
- ALTMAN, Rick. **Film/Genre**. Londres, England: BFI Publishing, 1999.
- ALIEN: O Oitavo Passageiro**. Direção de Ridley Scott. Estados Unidos: Brandywine Productions, 1979.
- ASSOCIAÇÃO CAATINGA. **Conheça e Conserve a Caatinga: A Floresta que é a cara do Brasil**. No clima da Caatinga: 2023.
- BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BEM-VINDA a Quixeramobim**. Direção de Halder Gomes. Ceará: Glaz Entertainment Filmes, 2022.
- BRAGA, José Luiz. **Para começar um projeto de pesquisa**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2593657/mod_resource/content/2/Texto%204.pdf>. Acesso em: 2 set. 2024.
- BRITO, A. R. DE F.; SILVA, L. F. V. DA; OLIVEIRA, J. A. S. DE. **Poéticas da intersecção: ensaios de literatura comparada**. [s.l.] Diálogos, 2021.
- CARDOSO, Caio. **Malabares**. Memorial descritivo apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará: 2022.
- DA SILVA, Alexandre Meireles. *Sobre diversidades e regionalidades: a ascensão da Quarta Onda da ficção científica brasileira*. **Revista Memorare**, v. 8, n. 1, p. 61, 2021.
- DA SILVA., Fernanda M.; LIMA, Amanda. **O OLHAR DE GLAUBER ROCHA SOBRE O SERTÃO NORDESTINO, A PARTIR DA ANALISE DE DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL**. Anais do II EcoVale, Juazeiro/BA, 2011.
- DE SÁ, Alan. **Um ano de sertãopunk: o que mudou até aqui?** Disponível em: <<https://alandesa.medium.com/um-ano-de-sert%C3%A3opunk-o-que-mudou-at%C3%A9-aqui-f858f39a17fb>>. Acesso em: 1 set. 2024.
- DE SÁ, Alan. DINIZ, G.G. SILVA, Alec. **Sertãopunk: histórias de um Nordeste do amanhã**. Independente, 2019.
- DE SÁ, Alan. **Estão inventando o Nordeste. De novo** - Explico melhor escrevendo - Medium.

Disponível em: <<https://medium.com/alan-de-s%C3%A1/est%C3%A3o-inventando-o-nordeste-de-novo-808943b6a759>>. Acesso em: 1 set. 2024.

DE SÁ, Alan. **Por que fazer o Nordeste sertãopunk?** - Explico melhor escrevendo - Medium. Disponível em: <<https://medium.com/alan-de-s%C3%A1/sertaopunk-c0e0015a13ea>>. Acesso em: 1 set. 2024.

COSTA, Milo. **20 e poucos: UMA JORNADA DE AMADURECIMENTO**. Memorial descritivo apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará: 2018.

IMARISHA, Walidah. **Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça**. São Paulo: 32ª Bienal de São Paulo - Incerteza Viva, 2017.

ITÁU CULTURAL. Sertões: imaginários, memórias e políticas – Durval Muniz. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=kjauuxNYAVA>>.

LODI-RIBEIRO, Gerson (org.). **Solarpunk: histórias ecológicas e fantásticas em um mundo sustentável**. – São Paulo: Draco, 2012.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II: Géneros Cinematográficos**. LabCom Books: Covilhã, 2010.

O EXTERMINADOR do Futuro. Direção James Cameron e Betsy Magruder. Estados Unidos: MGM, 1985.

O GUIA do Mochileiro das Galáxias. Direção de Garth Jennings. Reino Unido: Barber/Birnbaum Production, 2005.

PARENTES, Frederico Benevides. **MÁQUINA, FOME, TRAJETO: cinema de grupo brasileiro contemporâneo**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2013.

REIS, Lucas. B. *A ESTÉTICA POSSÍVEL DO CYBERPUNK NA HQ CANGAÇO OVERDRIVE*. **Anais da 5a Jornadas Internacionais em Histórias em Quadrinhos - Escola de Comunicação Social e Artes da USP**, 2018.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932**. E-book. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

ROBERTS, Adam. **A Verdadeira História da Ficção Científica: Do Preconceito à Conquista das Massas**. Seoman Editora: 2018.

SANTOS., P. H. **Mito do Nordeste Perfeito (pra quem?!) e a terrível cena de um filme "nosso"**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LcoNhz4opcU>>.

SILVA., Alec. **A noite tem mil olhos**. [s.l.] Corvus Editora, 2023.

SILVA, Alec. **Não troco meu “oxente” pelo “cyberagreste” de ninguém!** Disponível em: <<https://alecsilva-escritor.blogspot.com/2019/09/nao-troco-o-meu-oxente-pelo.html>> Acesso em: 1 set. 2024.

SILVA, Alec. **Sudestino criando é artista, mas nordestino criando não pode não?** Disponível em: <<https://alecsilva-escritor.blogspot.com/2019/09/sudestino-criando-e-artista-mas.html>> Acesso em: 1 set. 2024.

STAR TREK: Jornada nas Estrelas. Criação por Gene Roddenberry. Estados Unidos: BNC, 1966-1969.

STAR WARS: Trilogia. Direção de George Lucas. Estados Unidos: Lucasfilm, 1977-1983.

TRISTÃO, Ana Maria Delazari; FACHIN, Gleisy Regina Bóries; ALARCON, Orestes Estevam. *Sistema de classificação facetada e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento*. **Ciências da Informação**, Brasília, DF, v. 33, n. 2, p. 172-178, 2004. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/265/233>. Acesso em: 2 out. 2014.

Sobre a Caatinga. Disponível em: <<https://www.acaatinga.org.br/sobre-a-caatinga/>>. Acesso em: 2 set. 2024.

T.V AFIADA. Durval: é preciso dissolver esse Nordeste! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t_Z_e-EK19Y>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará.** Fortaleza: Biblioteca Universitária, 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/wp-content/uploads/2019/10/guia-de-citacao-06.10.2019.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2021.

WOMACK, Ytasha L. **Afrofuturism: the world of black sci-fi and fantasy culture.** Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.

WIERDERGRUN, Victor. **Cyberagreste - série de imagens.** Instagram, 2019.

ZUIN, Lidia. **Amazofuturismo e Cyberagreste: por uma nova ficção científica brasileira.** Disponível em: <<https://lidiazuin.blogosfera.uol.com.br/2019/09/02/amazofuturismo-e-cyberagreste-por-uma-nova-ficcao-cientifica-brasileira/>>. Acesso em: 1 set. 2024.

Doctor Who,

2001: Uma Odisseia no Espaço. Direção de Stanley Kubrick. Estados Unidos: Hawk Films, 1968.